

O ENSAIO
LITTERARIO

16 DE ABRIL
DE 1880

O ENSAIO LITTERARIO.

PERIODICO SCIENTIFICO, LITTERARIO E CHRONICO.

Publicar-se-ha tres e mais vezes por mez á razão de 1\$000 rs. bimensalmente. Escriptorio da redacção á rua Duque de Caxias n. 43 e 48. Toda e qualquer paga será sempre adiantada. Numero avulso 270 réis.

ANNO 2.

PARAHYBA DO NORTE, 16 DE ABRIL DE 1880.

NUMERO 10

Difficuldades materiaes motivaram a interrupção da publicação do nosso jornal, porquanto restabelecendo-o hoje, pedimos desculpa aos nossos benevolos assignantes por esta falta involuntaria, que procuraremos reparar, e o apoio de todo aquelle que, como nós, é amante da instrucção.

AGENTES:

No Rio de Janeiro o Illm. Sr. Antonio Camillo de Hollanda.
Em Pernambuco, o Illm. Sr. Joaquim Santino Cirne de Figueiredo.
Em Mamanguape, o Illm. Sr. Manoel Maria de Mitra.
Em Bananeiras, o Illm. Sr. Anisio da Costa Maia.
Na cidade d'Aréa o Illm. Sr. Flavio Pinto de Carvalho.

O ENSAIO LITTERARIO

Parahyba, 16 de Abril de 1880.

A imprensa.

A imprensa é a medida pela qual se affere o progresso moral e intellectual de um paiz.

Compenetrados d'esta verdade incontestavel, continuamos, apesar de frageis romeiros, mas revestidos de coragem, a caminhar por entre as sinuosidades da diffusa aréa da imprensa, superando assimos obices, que *par e passu* se suscitam, para com todo denodo e ousadia penetrarmos no supremo tabernaculo da sciencia, onde em ara sacrosanta se erige magestosamente esta dea omnipotente do universo, que, entre as grandiosas empresas que, tem occupado o genio da humanidade para inspirar aos dilectos o unico meio de sua perfectibilidade, está sobranceira a toda e qualquer, que a gigantesca concepção humana possa emprender.

Sem pretendermos agora fazer praça do sedicioz racio, cinto e mecos de longo alludir o sagrado principio de liberdade de pensamento o de sua manifestação, reconhecemos, que ella é o tribunal magnanimo da opinião, onde se debate a magna questão da vida politica e civil dos povos.

Quando o governo tem necessidade imprescendivel de representar-se nas veridicas latitudes de seu programma, ante a excessiva popularidade de dominio, que o quer absorver em sua cholera concentrada; quando o espirito publico, possuido de democraticas agitações em consequencia de uma situação anomala e improba, procura uma valvula poderosa, que lhe faça extorquir do bronchio enorme esse ar pestifero, que o envenena, insuflando-lhe n'uma athmosphera impregnada de puresas; é a imprensa, que transmite a ambos o precioso auxilliar a essas hygienicas e limitivas suggestões.

Em pró do augusto criterio da verdade está, na phrase contemporanea, reconhecida como locomotora das peridicas sensações do povo; todavia urge que os illustres publicistas compenetrar-se de sua honrosa missão e a sonatez presidida a estas allocuções. Não basta fallar, como o quitandeiro, apregoando o preço de seus commestivos e menos preteillando—verdades, que, sob as apparencias de integridade, muitas vezes estão patentes ao dominio do publico sensato.

Por dignidade propria, se devem assemelhar aos apostolos da lei L. Promulguem o seu credo de conformidade com a verdade de sua consciencia, pronunciada em singellas representações; abstraham sempre essa phalange lassiosa de opposicionistas systematicos, e caprichosamente postados na vanguarda arraial, que, sem escolherem base para estabelecer uma argumentação logica, investem pelas avenidas, produzindo em resultado improficuas discussões, que reverberão de excessivos desvanocimentos para encher o vazio immenso de sua erudicção.

A veracidade destas perfunctorias asserções é incontestavel; pois a propria experiencia ha demonstrado, autorisando-nos portanto a expender as nossas tenues idéas sem o menor vislumbre de contradicção neste magno e importante assumpto, restando-nos sobremodo a satisfação plena de, acrisolados com as beneficas e salutare

douctrias, que professamos, nunca transegrir com a verdade de nossa consciencia; ao contrario: defendemos, como lidadores infatigaveis nesta lucta heroicamente empreendida e destituida de preconceitos sociais as nossas crencas e idéas, que, povoando a nossa mente de nitidas miragens, perfumão todas as avenidas do nosso ser, e preconiza-nos um vasto porvir—fatal indistincto e apenas intrevisto, que se nos desvela, pujante e colorido com as mais brilhantes e mirificas cores.

Portanto, ó! Rainha das nações, nós te saudamos! e, abroquelados com as refulgentes armas da nossa perenne applicação, avante marcharemos em nossa incrementação!

Nunca se avillão os destinos sublimes de um povo gigante e denodado, que não se deixa enganar pela palavra hypocrita e fementida, que escôa-se, senão resequida, ao menos impregnada das villanias da avarosa, por entre os labios fraticidas do homem, que se illustra para a arte de aventureiro politico.

Em meio das procellas medonhas dos tempos, oceano incalculavelmente, onde fluctua a fatia ingente dos povos o character é o unico palinuro eminente, que, sobranceiro, pôde desviar a dos cachopos enormes, que parecem acular as ondas bravias do futuro para arrastarem-lhes as obstinadas garras a ossada collossal de tão insigne naufrago.

Mas é infelizmente com a progenie d'aquelle timoneiro sublime da humanidade, que nós não podemos proferir no Brasil o *quod abundat, non nocet latino*.

Encantado pelos arrulhos suaves da rolinha maviosa da veiga, embriagado dos perfumes, que a brisa arrastam seu collo de noiva, que é, de nosso céu tropical e com as cordas do coração a vibrarem rhymas tão compassadas e meigas, que contrastão com a melodia do arroio do deserto em sua queda, vemos todos os dias levantar-se o genio com os vapores rosados do Oriente, enquanto que é tão raro ver o character avultar no seio de nossa sociedade contemporanea, como é difficil recuperar-se uma perola mimosa de Ophir, que se perdeu n'um lago de negro, ou encontrar-se um atomo de seiva no pollen de uma flor, que emmureheceu. E ninguem, qualificando-nos de blasphemos e mentirosos, ousará jamais negar esta verdade que tanto de veras nos punge, visto como a politica de nossos dias, pervertendo as idéas bemditas da mocidade, vai pouco á pouco demolindo este pedestal palpitante do porvir de rosas, que embalde almejamos.

Sem o mais pallido vislumbre de despeito nem pretensões á nenhuma outra posição, senão a de erigirmo-nos sobre os nossos pulsos entanguescidos pelo gelo da apathia fatal, que amortece o admiravel valor do espirito brasileiro, para engranzarmos nosso ninho no sopé da estatua ante-historica do futuro, não nos arrecciamos de dizer com a nossa linguagem abortiva e desengonçada, que as questões vilipendiadas e indiscretas, que se agitam sem

cessar nas camaras, gabinetes e imprensa de nosso paiz só tendem para profundo desmoronamento de idéas, cavando em sua queda a nossa eminente ruina.

Não engane-se, pois, o povo com este como congresso de mascates, que acerca-se em seus faustos e ambições do balcão multicolorado do mercantilismo politico, que se propaga desde o Amazonas ao Prata, do norte ao sul do Brasil.

E maldadado o genio que vai dobrar seus joelhos n'este bordel de idéas adulteradas adiante da imagem caveirosa e livida de velho tribuno, talvez desenfreado, esqualido e pernicioso, como o D. João de Guerra Junqueiro, quando vem determinar sua rotaria no templo da sciencia, onde nos bancos da instrucção rendeu seu culto ao progresso, este Sinay de luz, para onde a humanidade, anciosa de receber as leis de sua regeneração, caminha incansavel á passos agigantados! Maldadado sim, porque ali vai elle encharcar o seu canto de cysne, mentindo aos protestos de libar com o povo até ás feses a cicuta da taça de fel, que não cessa de inflamar o coração cavernoso d'este caminheiro infatigavel de todas as éras. Maldadado sim, repetimos ainda porque o talento sem os elevados attributos do character é como a ceceim do vale, que mirra á sombra das folhas porque não bafejou-a o doce favonio da tarde, ou não borrifou-lhe do calice o orvalho da manhã.

O character sem o talento é tudo, este sem aquelle é hypocrita, é farceista. Compenetre-se o povo parahybano d'essa verdade e creia menos nas promessas de melhor futuro que vivem a dar-lhe as gasélas politicas.

Os Parahybanos, estes patriotas ousados, que no arrojito titanico de seu brio, empenharam-se com tamanho dessocôgo nas lutas medonhas de sangue, em que vião rolar desgrenhada no immundo pampa a cabeça do soldado intrepido a porfiar direitos, cuja historia só muito superficialmente elle podia conhecer, podem, ou devem, para melhor disermos, convencer-se desde já de que na sordida meada, que não cessão de urdir na Côte os Ministros e Senadores do Imperio, morrem em embryão todos os seus sonhos mimosos, todas as suas esperanças fagueiras.

E não ha que duvidar, visto como o chaos enorme, que se anima ali, aniquilará com as suas trevas qualquer idéa bemdita, que com a magestade do *fat* divino suggerir na palavra incorrupta d'algum Messias de nossa lenda grandiosa e sublime.

Se é tempo ainda, portanto, de repudiarmos as leis virulentas d'aquelles levitas do egoismo, se almejamos ver despontar o sol de nossa liberdade por entre as franjas negras do horizonte medonho, que na noite de ignorancia e fanatismo em que vivemos, desnorteia a barca fransina de nossos tentamens, communguemos com as sublimes theorias de Seyés, que derrocava os vis privilegios da aristocracia de seu tempo, clamando: *Os grandes só são grandes por que nós estamos de joelhos: levantemo-nos.* Animados por este principio ingente, anathematizemos o escarneo e veixames, em que nos estorcemos em meio da indigencia de nossos thesouros, do aniquilamento do espirito commercial e deterioração da agricultura de nossa provincia, para cujo melhoramento debalde esperamos a estrada de ferro Conde d'Eu, tão decantada pelo « Jorna

da Parahyba »

Terminamos aqui, e seremos incansaveis em explorar este assumpto, que tanto sublima a nossa missão, e engrandece a situação, em que nos queremos manter.

Tu e Eu.

A C B

A! toi! toujours á toi!

V. HUGO

Tu és, qual doce alvorecer bemdito, que o mundo envolve, despontando ao val!
—Eu sou o canto, que o poeta exprime, sombrio e triste, que não tem phanal!

Tu és, qual anjo, povoando a esphera n'um céu de rosas,—volteiante lume!
—Eu sou a folha, que se mirra ao vento sem cor, sem brilho, nem se quer perfume!

Tu és, qual nuvem rosierél, dourada em tardes meigas, que produz o outono!
—Eu sou a luz, que, desprendem os cirios da campa fria, lá no abandono!

Tu és, qual astro, que percorre, lucido, infindo espaço lá do firmamento!
—Eu sou a noite procellosa e negra; cujo estampido se desfaz sedento!

Tu és, qual terna, dedicada esposa, que o filho estreita no seo coração!
—Eu sou a pérola, que não tem parceira, que, tristemente, se revolve ao chão!

Tu és, qual nota de harmonia intensa, que sobe, amena, á ethereas plagas!
—Eu sou falua, que, perdendo o curso, suctea aos embates de medonhas vagas!

Tu és, qual branda, perfumosa brisa, que além divaga levemente, oh! sim!
—Eu sou a querima exilada e muda do vale imigo da ventura alfim!

Tu és, qual alvo, que o nauta attinge, quando a tormenta de além se alteia!
—Eu sou a lagrima, que, sentida, escapa ao filho prodigo n'uma plaga alheia.

Tu és, qual sonho, que detem esp'ranças estrella presaga para a mocidade!
—Eu sou a sombra do cypreste esguio; suspiro tibio, que traduz—saudade!

Bahia—Março—1880.

E. de Aragão e Matt

O tyranno.

OFFERECIDA AO MEU BOM AMIGO E COLLEGA JOSÉ S DO DE MIRANDA HEYRIQUES.

Soberbo, altivo, potente
Calca a justiça nos pés;
Reprobro, vil, inclemente
Pergunta a honra: quem és?
E Nero no palco assoma
Com rir de fera esfaimada;
Traz a cabeça de Roma
Sob seus pés esmagada!

Cada palavra hedionda,
Que os seus labios murmurão,
E' uã sentença nefanda
Por um capricho—illusão!
Sêde de sangue bendicto,
Talvez de um bemfazejo,
Manda-o á forca, maldicto,
Saciãr mero desejo.....

Sempre atroz, cynico passa
Entre o crime e a estúpidez;
Arengando ao povo em massa
Mente! Então que intrepidez!
Hypocrita, sempre altivo
Tem por leis o deslismo,
A maldade—um distinctivo;
P'ra innocencia um abysmo.

Faminta hyenna espiona
Um cadaver—humanidade,
Eis tudo que ambiciona
Este irmão da astucidade.
A vida, a propriedade
Lhe pertencem, tem poder;
Não há rasão, nem vontade,
Elle sosinho a vencer.....

Caligula, monstro ousado,
Féro verdugo, incruento
Com o patibulo alçado
Vive de sangue sedento,
Ao cadafalso condemna

O povo pobre innocente,
Cruel Tiberio sem pena,
E Roma! . . . Roma consento.

Seu poder é um dilema
Difficil de resolver :
Siga o perigo, não tema !
Seguir então. . . . ou morrer.

A humanidade supporta
Tanto supplicio atroz,
Um dia lhe bate a porta :
Morrei ! Tornei-me o algoz.

Maldição a vós tyranno,
Tredos monstros, sanguinarios,
Que viveis só entre arcanos
Infames, vis, perdularios.
Roubai do povo os direitos
Com despolismo feroz,
E se vede-vos contrafeitos :
—Ide ao patibulo algoz—

Um dia sereis bandidos
Do seio da humanidade,
Lividos monstros sahilos
Das entranhas da malade.
Mil bocas a voz contrarias,
Reptirão consternadas
Tuas acções sanguinarias,
Cheias de infamia, manchadas.

Silveira Filho.

SECÇÃO CHRONICA.

Esbaforidos pelo intenso calor fomos, num d'esses ultimos dias da quaresma, em que havia uma procissão annunciada a percorrer as ruas desta capital, dar com o nosso bento corpo para as bandas do Varadouro.

Uf que esfrega charos leitores!.. que esfrega! magoarmos os nossos callinhos, atravessando aquella onda de pó!..

Com a cabeça cheia de acontecimentos resumiremos as peripecias, que se derão durante esse dia em nossa decantada sociedade, que mostrou-se com aspectos lijongeiros : as ruas infestadas de dandys, que, com as amabilidades do costume ostentavam os seus predicados, tornavam-se verdadeiros amantes do progresso.

Nós que criteriosamente presenciavamos esse alvoroço, exclamamos: vade retro! e pressurosos iamos caminho de casa, quando uma scena veridica e excepcional em sua natureza chama a nossa acurada attenção.

Uma comitiva de moças chistosas com a linguagem toda harmoniosa e perfeita encontrando-se com uma pleiade d'esses jovens golhofeiros, eloquentes, inperligados á manci-

ra de bonecos de papelão, cumprimentarão-se mutuamente e depois das preliminares de amorosas theorias, ouvimos esta phrase insolita e moralza a brão meninas, que eu quero entrar», e sem mais eceremonias derão os braços e forão caminho as casas, perdendo-se as suas voses no espaço, devido a um rouquenho earro, que, com o seo infernal bulheiro, neste interim passava.

De ordinario ouvimos lamentar o acanhamento da sociedade de nossa provincia, mas nós confessamos, que em vista da scena, que acabamos de descrever, achá-se bem desenvolvida.

A proposito de desenvolvimento : está na ordem do dia a mudança ministerial, que tem incessantemente preoccupado certos animos, que, exaltados até a obsessão, procurão acalmar-se com a espectativa de occuparem os lugares de honra, propalando in urbe et orbe, que vão presidir os altos destinos da provincia e promettendo muito, quando alcançarem esse favor, com que os seus adeptos o presentearão á esmo. Ponhamos aqui quatro pontinhos... pois o final d'esta só por anomatopeas poderá ser traduzido... A carapuça é elastica e accenta em muita gente boa, que, fôia com as qualidades proprias para impostor e presumido, nunca em tal pensou : á bem do estylo e consideração não talhamo-la mais á geito.

Vamos sempre d'um extremo á outro!.. Sem duvida perguntar-nos-hão os leitores : Que admiração poderá causar ver ellevalto qualquer sabujo? Não vemos por ahí todos os dias uma comitativa caterua de insignificantes notabilidades caballar para figurar entre os seus semelhantes, que ficamos em completa pasmaccião, dando pulos gigantescos para lançar mão de empregos e lugares, onde ninguem pensou que somente para elles se attrevessem a olhar?!.. Sim, queridos leitores, concordamos e até acrescentamos, que o benemerito gabinete 5. de Janeiro de saudosa memoria tem d'estes especimens, que julgão-se columnas e fortes escadas de edificios socciaes!! Todavia, como a sinceridade é o traço mais frisante de nosso character, inerre nos o imperioso dever de dizer-vos : que algum dia cahirá essa pelle estranha de que andão acobertados e então, como Virgilio, exclamaremos : amice, teneatis risum !

{Au revoir.